

# DO “LADO BRILHANTE DOS POBRES” AO BOLSONARISMO POPULAR: uma análise conjuntural acerca do impacto do lulismo e do bolsonarismo sobre as classes populares

Moysés Pinto Neto\*

O texto busca compreender o processo viral do bolsonarismo no âmbito das periferias, contrapondo-se – inspirado em Hall e Grossberg – a análises conjunturais cuja explicação se dá unicamente em nível macropolítico ou macroeconômico, e sempre de cima para baixo (das elites/mídias para o popular). Para tanto, recupera a literatura sobre a “nova classe média” ou “nova classe trabalhadora” durante a década passada e procura comparar, em uma meta-análise das recentes pesquisas trazidas pelas ciências sociais, o “antes” (lulismo) e o “depois” (bolsonarismo). Atravessando os conceitos e propondo um balanço do progressismo, da sociologia crítica e do pensamento nômade, deságua na noção de que as múltiplas tendências se atualizaram de modo bovarista nas classes populares a partir do bolsonarismo popular.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonarismo. Periferia. Bovarismo. Lulismo. Conjuntura.

## INTRODUÇÃO: uma hipótese acerca do bolsonarismo

Festejada durante o período lulista como “nova classe média”, a população pobre que emergiu economicamente na década passada parece ter, na eleição de Jair Bolsonaro para presidente da República, abandonado a esquerda. Apesar de as enquetes eleitorais posteriores a 2018 indicarem quase sempre uma prevalência do voto lulista entre os segmentos mais populares, poderíamos dizer que o voto caminhava para a direita *multo cedo* em termos de renda, restando ainda agrupados nos segmentos simpáticos à candidatura petista o campo dos muito pobres e, em termos regionais, o Nordeste. Em compensação, os emergentes da década anterior, em geral associados à aplicação de políticas sociais como ProUni e Minha Casa Minha Vida, migraram para a direita. Como afirma Tatiana Roque, ao lado dos

ricos e empresários que visualizaram oportunidades com o ultraliberalismo de Paulo Guedes, ou dos ressentidos contra a ascensão dos pobres e das minorias políticas, “há outro grupo de eleitores, bastante significativo, que está fazendo a balança pender a favor de Bolsonaro e ainda pode ser disputado: são as pessoas que ganham aproximadamente entre 1,8 mil e 4,5 mil reais (entre dois e cinco salários mínimos)” (Roque, 2018, p. 12<sup>1</sup>).

O que teria provocado essa conversão, já que outrora esse segmento fora o fiel da balança que decidira as eleições em prol dos governos Lula e Dilma? O ensaio apresenta uma hipótese acerca do tema, formando sua conjectura a partir de uma meta-análise de dados oriundos de pesquisas antigas e atuais sobre os emergentes do lulismo.<sup>2</sup> Obviamente, não

<sup>1</sup> Ver também Pinheiro-Machado, 2019.

<sup>2</sup> O texto foi escrito anteriormente à pandemia e às eleições de 2022, mas não houve mudança substantiva no eixo de análise e considera-se ainda válidas as hipóteses, inclusive em relação ao público tipicamente lulista que sustentou a vitória de Lula no pleito (Rocha; Solano, 2020). Sobre o tema, conferir Almeida (2007), Cocco (2009, 2013), Souza (2009, 2012), Pochmann (2014), Néri (2010), Tible (2013), Souza e Lamounier (2010), Singer (2012), Meirelles e Athayde (2014), Braga (2012), Bomeny (2022), Visser (2016), Rocha (2017, 2018a, 2018b), Pinheiro-Machado e Scalco (2018), Solano (2018), Baltert (2018), Pinheiro-Machado (2019).

\* Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.  
Rua: Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n. Trindade. Cep: 88040-900. Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. moysespintoneto@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4785-9691>

se pretende explicar o fenômeno bolsonarista como um todo,<sup>3</sup> mas apenas o que se denomina como *bolsonarismo popular* (Pinto Neto; Cipriani, 2021; Rocha; Solano, 2020). Para que se tenha logrado a vitória numa eleição majoritária de um país imenso, é necessário que haja um feixe que cruza diversas tendências, sem que possa ser reduzido a uma única força política tendencial.<sup>4</sup> Pretende-se, portanto, localizar apenas uma pequena fatia do problema, partindo-se da hipótese de que houve um processo *bovarista* entre os emergentes.

## **SOBRE O MÉTODO: análise de conjuntura e especulação**

Nesse sentido, arriscam-se aqui – inspirado na análise de conjuntura de Lawrence Grossberg – algumas hipóteses a partir dos dados colhidos pelas outras pesquisas de múltiplas áreas e dimensões, tecendo um fio interpretativo meta-analítico das conexões de modo semelhante às análises produzidas no âmbito dos Estudos Culturais. Em *We gotta get out of this place*, Grossberg, analisando a ascensão do neoconservadorismo nos Estados Unidos, afirmava que seu livro buscava “juntar fragmentos e especular sobre suas conexões”, resistindo a “uma cultura acadêmica que celebra fragmentos e renuncia à especulação” (Grossberg, 1992, p. 1, tradução livre).<sup>5</sup> De certo modo, a ambi-

ção desse texto é produzir o mesmo sentido de conexão entre diferentes pontas, produzindo uma conjectura global acerca do fenômeno.

Em geral, a academia tem privilegiado análises mais específicas que permitem um controle metodológico rígido sem necessariamente reunir os dados e achados entre diferentes áreas como psicologia social, sociologia, antropologia, psicanálise, filosofia, comunicação e educação. A “análise de conjuntura” promovida pelos Estudos Culturais, por outro lado, tende a se situar no campo de análises conglobantes que admitem um caráter especulativo como parte do trabalho de articulação de diferentes perspectivas. O fio traçado aqui envolve um ponto intermediário entre dois tipos de análises que têm preponderado. De um lado, a pesquisa de campo: rigorosa e, justamente para manter o rigor, ascética quanto a hipóteses mais abrangentes que envolveriam uma extrapolação daquilo que pode ser certificado sobre o campo. De outro, a leitura macropolítica excessivamente voltada para as forças mais conglobantes, em geral, componentes geopolíticos, muitas vezes cega para a dimensão micropolítica.

Toma-se como exemplo da última os recentes trabalhos de Jessé Souza, que é citado criticamente nesse ponto até porque, mais tarde, será uma das ferramentas fundamentais para compreender o fenômeno a partir dos seus trabalhos etnográficos. Assim, suas análises de conjuntura têm partido de pontos de vista mais genéricos sobre processos históricos no Brasil e considerado que, depois do golpe de 2016, haveria uma espécie de sinergia entre diferentes atores políticos – mídia, Poder Judiciário e mercado financeiro – capazes de induzir uma percepção equivocada no grande público acerca dos processos políticos no Brasil, fomentando o antipetismo visceral que mantém os privilégios de uma “elite do atraso” (Souza, 2016, p. 79-86). Apesar de se reivindicar heterodoxo em relação à tradição do pensamento político e social brasileiro – chamado

*and renounce speculation*”. Para maiores detalhes sobre a análise conjuntural ver Grossberg (1992, 2018).

<sup>3</sup> “[...] o bolsonarismo é aqui entendido como um fenômeno que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo” (Freixo; Pinheiro-Machado, 2019, p. 19). Sobre o bolsonarismo, foram usados estudos como Kalil (2018a, 2018b), Pinheiro-Machado (2019), Rocha e Solano (2020), Cesarino (2019), Nobre (2020), entre outros. Sobre a conjuntura mundial e populismo autoritário, entre outros, Grossberg (2018), Castells (2018), Judis (2016).

<sup>4</sup> Em geral, tem se destacado lava-jatistas, olavistas, evangélicos, militares e liberais, mas parece ainda faltar muitos atores no ecossistema: gamers, latifundiários, trolls, agrobóys, bancada da bala, jogadores de futebol, funkeiros dissidentes etc. Sobre as categorias, suas confluências e seus métodos comunicativos, ver por exemplo, Kalil (2018a), Pinto Neto (2018) e Nobre (2020).

<sup>5</sup> “*And it is a book which is too willing to gather fragments and speculate about their connections, but it may be forgiven in an academic culture which celebrates fragments*

até de “tolice” em um dos seus livros recentes –, Jessé Souza, no fundo, repete no quesito a tese mais comum entre os clássicos da esquerda: a sabotagem do desenvolvimento nacional por uma elite saqueadora que impede o surgimento de um capitalismo industrial avançado combinado a um Estado de bem-estar capaz de reduzir a desigualdade social (Souza, 2016).

Essa compreensão macropolítica, no entanto, não explica a popularidade capilarizada do bolsonarismo. A hipótese macro, por isso, é complementada por outra de caráter cultural ou micropolítico: o ressentimento da velha classe média e da elite contra a ascensão social dos pobres, fazendo com que uma espécie de racismo de classe atue no sentido de barrar o avanço e restaurar as antigas hierarquias.

O problema da tese é, como já se colocou desde o objetivo deste texto, interpretar a adesão *popular* ao bolsonarismo, ou o que chamarei de bolsonarismo popular.<sup>6</sup> Nesse ponto, caberia lembrar os esforços de Stuart Hall (1988), por exemplo, para pensar – no final dos anos 1970 – o surgimento do *thatcherismo* na Inglaterra não apenas como um fenômeno de elites, da mídia e dos *think tanks* liberais, ou ainda como transição no capitalismo da socialdemocracia para o neoliberalismo, mas também como um fenômeno cultural que envolveu a adesão popular.<sup>7</sup> Rechaçando a simples assimilação da direita radical ao fascismo, Hall prefere pensar Thatcher como tendo inventado o “populismo autoritário”, permitindo que as pautas da direita fossem conectadas com o senso comum e, com isso, viabilizando uma base social para a eclosão das reformas liberais e da restauração cultural neoconservadora.

<sup>6</sup> Utilizado também, por exemplo, em Rocha e Solano (2020) e Pinto Neto (2020).

<sup>7</sup> “*Thatcherism’s ‘populism’ signals its unexpected ability to harness to its project certain popular discontents, to cut across and between the different division in society and to connect with certain aspects of popular experience. Ideologically, though it has certainly not totally won the hearts and minds of the majority of ordinary people, it is clearly not simply and ‘external force’, operating on but having no roots in the internal ‘logics’ of their thinking and experience. Certain ways of thinking, feeling and calculating characteristic of Thatcherism have entered as a material and ideological forte into the daily lives of ordinary people*” (Hall, 1988, p. 6).

Ademais, uma vez que a análise aqui se filia à linha de trabalho de Hall (1988) e Grosberg (1992) – portanto, dos Estudos Culturais – iremos privilegiar, entre os vários investigadores do fenômeno, aqueles que preponderaram como *intelectuais públicos*, inclusive ocupando, em diversos casos, a presidência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), instituição que ficou com a incumbência de pensar as movimentações de classe na sociedade brasileira produzidas pelas políticas sociais durante o período. O caráter diretamente político das intervenções, que não necessariamente retira consistência teórica, é o motivo da escolha específica de determinadas leituras da ascensão dos pobres no Brasil, uma vez que não só orientavam decisões governamentais a partir da sua interpretação, como também eles próprios buscavam induzir os efeitos que narravam nas suas análises. Nossa questão central, em suma, é: como se deu o processo de conversão do fenômeno mais emblemático do lulismo, o “lado brilhante dos pobres”, no fenômeno mais contraditório, ou pelo menos paradoxal, dos nossos tempos: o bolsonarismo popular.

## LULISMO E A ASCENSÃO DA NOVA CLASSE

Como já dito, um dos principais debates que atravessou as áreas da sociologia, ciência política e economia no Brasil, chegando a interferir no panorama midiático, foi exatamente em torno da denominação – e por consequência de todo *ethos* político, social e econômico – que caracterizaria essa nova classe. Visão que encontrou bastante espaço no debate público foi a do economista Marcelo Neri, então presidente do Ipea, que denominava esse setor ascendente de “nova classe média” (Néri, 2011). O discurso combinava também com a propaganda governista de que as políticas sociais e econômicas teriam promovido a ascensão de milhões de brasileiros à condição de classe média, gerando uma imagem similar aos paí-

ses europeus durante o período de hegemonia do Estado de bem-estar social.

Mas também havia críticas provenientes da própria área de influência petista. Uma das mais respeitadas entusiastas do Partido dos Trabalhadores (PT), a filósofa paulista Marilena Chauí, rechaçava veementemente a associação entre a classe C e a classe média, considerando-a como um sintoma da dificuldade de o Brasil conviver com uma classe trabalhadora protagonista. Nas suas palavras, como:

a tradição autoritária da sociedade brasileira não pode admitir a existência de uma classe trabalhadora que não seja constituída pelos miseráveis deserdados da terra, os pobres desnutridos, analfabetos e incompetentes, imediatamente passou-se a afirmar que surgiu uma nova classe média, pois isso é menos perigoso para a ordem estabelecida do que uma classe trabalhadora protagonista social e política (Chauí, 2013, p. 130).

O economista Márcio Pochmann, também com passagem na presidência do Ipea no período posterior a Neri, é o autor de *O mito da grande classe média*, no qual desenvolve a hipótese de Chauí e confronta a ideia de que o capitalismo social formaria uma grande classe média. Em vez disso, Pochmann considera que se trataria mais uma vez da classe trabalhadora separada da sua própria consciência de classe explorada. No caso brasileiro, em particular, a classe média teria sido formada no período de industrialização pesada do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e sofrido um forte encolhimento no período neoliberal do último quarto do século XX. A desigualdade brasileira teria gerado uma sociedade composta pelos extremamente ricos, a classe média não proprietária e uma ampla maioria da população sujeita a um subconsumo. Somente a partir de 2004, com o fim do ciclo neoliberal, ter-se-ia implementado uma combinação entre crescimento econômico e distribuição de renda, incorporando a classe trabalhadora ao mercado de consumo. A mudança, contudo, não significaria um aumento da classe média, mas uma recomposição da classe trabalhadora em novas

bases de consumo (Pochmann, 2014). Essa ambivalência do próprio PT em relação ao estatuto da nova classe, como veremos, será um dos elementos mais relevantes para se compreender o período que se seguirá.

O sociólogo Jessé Souza, em seu *Os batalhadores brasileiros*, já colocava a pergunta desde o subtítulo da obra: “nova classe média ou nova classe trabalhadora?”. A perspectiva de Jessé Souza desenvolve, a partir do marco referencial de Pierre Bourdieu, uma visão que busca superar o economicismo na leitura das classes sociais no Brasil. Em outro trabalho coletivo, Jessé e outros pesquisadores haviam investigado a forma de vida (*habitus*) da “ralé estrutural”, entendendo essa classe como aquela que vive abaixo da linha da cidadania e tem extrema dificuldade, por sua própria condição de miséria, de habilitar-se na batalha supostamente meritocrática com que funciona o mundo do trabalho, sendo “a classe vítima por excelência do abandono social e político que a sociedade brasileira tratou secularmente seus membros mais frágeis” (Souza, 2012, p. 50). *Os batalhadores brasileiros* é uma sequência dessa investigação já pensada no horizonte lulista, a partir do qual a parte da ralé que é mais bem estruturada em termos de *habitus* ascende socialmente e fica no limiar divisório entre a classe média tradicional e a maioria subcidadã. Jessé traça um longo roteiro para tanto, descrevendo a formação cultural a partir dos alicerces da ética do trabalho em combinação com o papel da família estruturada e do neopentecostalismo como pilar da disciplina necessária para resistir à dureza e exigência da rotina. Cria-se, assim, uma distinção interna à ralé (Souza, 2012).

É interessante, no entanto, destacar os pilares para a formação do *habitus* de classe em questão. Em todas as dimensões que procura trazer, Jessé Souza parece destacar a *disciplina* como eixo estruturante de uma vida estabilizada em um contexto caótico (Souza, 2012). À extrema precariedade da vida subcidadã, os batalhadores responderiam com uma

“ética do trabalho duro”, espécie de figura weberiana ao quadrado, que se refrataria para o âmbito da família – em que as relações eróticas, por exemplo, cederiam lugar a um companheirismo próximo de uma aliança de sobrevivência<sup>8</sup> – ou da religião, em que a adesão ao neopentecostalismo formaria uma base estruturante capaz de cimentar fios muito tênues de sobrevivência.<sup>9</sup>

Houve, também, expressivo setor de intelectuais dedicados a pensar o capitalismo contemporâneo a partir da chave desenvolvida pelo pensador e ativista italiano Antonio Negri e o pós-operarismo, entendendo o processo inteiro como uma recomposição de classe típica do capitalismo cognitivo pós-fordista. Era o caso de trabalhos de intelectuais como Giuseppe Cocco, Bruno Cava, Ivana Bentes, Barbara Szaniecki e Jean Tible. O Brasil, segundo essa perspectiva, era uma espécie de laboratório mundial das biolutas da multidão, e o Bolsa Família o embrião da renda mínima e quiçá do comunismo, gestado “dentro e contra”. Em geral, as linhas fundamentais emergem a partir da conciliação entre Marx e Deleuze produzida por Toni Negri e seu ecossistema de ideias, entendendo que há uma passagem do capitalismo industrial para o capitalismo cognitivo que exige um encontro entre *O Capital* e *O Anti-Édipo*. Assim, as lutas produzidas pelos movimentos sociais, inclusive dos trabalhadores, nas décadas de 1960 e 1970, teriam produzido uma dissolução do mundo do trabalho fordista, gerando novas conexões entre si. Na recomposição das lutas, o *General Intellect* da multidão já estaria em ação, porém vampirizado

<sup>8</sup> “Paulo também exhibe no corpo a mesma falta de erotismo da esposa: ambos são corporalmente deserotizados. A ‘esfera erótica’ é, no caso desses batalhadores, minimizada, sacrificada em favor dos interesses comuns do grupo familiar: trabalho e família” (Souza, 2012, p. 135).

<sup>9</sup> “A maneira como o capitalismo se desenvolveu nessas regiões, em que suas contradições se potencializaram (ou se desenvolveram sem barreiras), lançou uma massa enorme de gente nas franjas da sociedade, sem um lugar fixo no sistema de produção. Esse não lugar da produção, aliado às interações sociais entre esses excluídos, permitiu o desenvolvimento específico de certos tipos sociais e, por conseguinte, de disposições específicas de classe. São as disposições específicas dessa classe (habitus) que são construídas e incorporadas pelo pentecostalismo” (Souza, 2012, p. 315).

pelo capital. A questão, portanto, seria liberar o comum das garras do capital, permitindo que afluam todas as suas capacidades criativas.

O Bolsa Família, nesse sentido, ocuparia um espaço liberatório que o colocaria não apenas como uma “política social focalizada”, mas como um passaporte para a liberação das potencialidades da multidão, na medida em que reduzia o controle do capital sobre o trabalho, como ocorria no campo do emprego assalariado defendido pela esquerda tradicional. Tomando o uso da expressão “brasilianização”, Cocco (2009, p. 29) destaca uma posição ambivalente do Brasil no tabuleiro geopolítico e econômico mundial: ao mesmo tempo em que o Brasil figura como paradigma da desigualdade e do racismo, da violência civil e enfraquecimento da proteção social, ou, nas palavras de Lind, “uma anarquia feudal de alta tecnologia, articulada em um arquipélago de brancos privilegiados sobre um oceano de pobreza branca, negra e mulata”, também o mundo poderia passar por um devir-Brasil no qual:

a flexibilidade social e econômica é manifestação de uma plasticidade cuja dinâmica se alimenta da hibridização incessante, para dentro e para fora, para além do dentro e do fora. A mestiçagem brasileira se apresenta aqui como uma potência de diferenciação e, pois, de produção ilimitada de novos valores, constituição do tempo, produção de novo ser. Nela, a cosmologia ameríndia das terras baixas qualifica socialmente a floresta como artifício natural potentíssimo, ao passo que o sincretismo cultural das metrópoles as constitui como nova terra a desbravar, o novo povo a constituir, a capacidade de fazer-mundo (Cocco, 2009, p. 49).

Destacando lutas estratégias que se desenvolviam como “linhas menores” do lulismo, visualizavam, na sinergia entre Bolsa Família e pontos de cultura, a possibilidade de ativação de um movimento insurrecional na sociedade brasileira, entendendo o processo como “ascensão selvagem da classe sem nome” que, por si só, não cabia nos esqueletos pré-determinados em que a esquerda clássica colocava a classe trabalhadora. A multidão não se

confundiria apenas com a classe trabalhadora fordista, mas estaria presente no pobre, migrante ou no nordestino, forjando uma democracia “mestiça, colorida e nômade” em contraste com a dominação racista. Não se trata de pensar a nova classe média e nem mesmo em termos de classe trabalhadora, mas na centralidade e potência dos pobres, no devir-pobre do Brasil. Pensar esse fenômeno, portanto, envolveria o reposicionamento das noções de vida, trabalho e desejo a partir das transformações biopolíticas do capitalismo contemporâneo<sup>10</sup>.

## O FRACASSO (MOMENTÂNEO) DAS LINHAS DE FUGA DO LULISMO

### A linha de fuga do imaginário progressista

Entre os citados intérpretes da nova classe trabalhadora, poderíamos, então, imaginar três prolongamentos especulativos da emergência dos pobres no cenário lulista. Como já dissemos, nosso critério de seleção de perspectivas está diretamente conectado ao papel central de intelectual público desempenhado pelos autores escolhidos, produzindo linhas imaginárias de continuidade que orientavam, ou poderiam orientar, as políticas públicas – do nível macro ao nível micro – que construíam um futuro para o país.

Para o campo mais tradicional da esquerda, cuja análise na baseia na leitura econômica de classe e o projeto identifica-se com o desenvolvimentismo, uma nova consciência de classe surgiria e produziria um novo pacto social capaz de guiar a sociedade brasileira na trilha semelhante à que os Estados Unidos (EUA) passaram um século antes com o *New Deal* (Singer, 2012, p. 159-168). Retomando a indústria nacional, o país superaria o atraso extrativista e finalmente teria um mercado interno forte capaz de torná-lo um *player* global. O crescimento do emprego formal seria a

etapa seguinte à combinação entre programas sociais e tripé macroeconômico, desafiando a hegemonia rentista e fazendo do Brasil aquilo que o imaginário dos anos 1950 reprimido pela Ditadura Militar nunca o permitiu ser: o país do futuro.

Essa alternativa – o “sonho rooseveltiano”<sup>11</sup> – é a que naufragou mais profundamente. Apostando numa leitura nostálgica e acreditando ser possível restaurar em um ambiente global muito mais complexo e interconectado um projeto nacionalista e industrialista, acabou afundada em corrupção, patrimonialismo e falsas expectativas de conciliação com o “bom capitalismo” – os empresários industriais patriotas que enfrentariam o rentismo. Uma dupla fissura se estabelece na medida em que, em primeiro lugar, o projeto subestimava a crítica ao modelo disciplinar introduzida pelo “novo espírito do capitalismo” entre os próprios batalhadores, como se estes estivessem desconectados do mundo exterior e a pobreza fosse uma caixa vazia de crenças. A submissão a uma estrutura verticalizada, com tempo padronizado e regida sob uma chefia tradicional – que certamente implicava paralelamente racismo, humilhação social etc. –, é dispensada em nome da autonomia (precária)<sup>12</sup>.

A leitura mais oficialista que, mesmo transformando a classe média em classe trabalhadora, afirmava a inclusão pelo consumo como etapa inicial do pleno emprego em um processo de transformação geral na sociedade brasileira naufragou, porque não compreendeu os desejos da classe emergente, de um lado, e simplesmente tentou restaurar um mundo que não existe mais, de outro. Ao mesmo tempo em que capturou com crueza o papel central do dinheiro<sup>13</sup> e dos bens materiais como infraestrutura de subsistência individual e, para além disso, do próprio consumismo como elemen-

<sup>11</sup> Laura Carvalho apresenta como “Agenda FIESP”. Ver Carvalho (2018, p. 55-96). Para uma leitura mais favorável, ver o próprio Singer (2015) e contrária, ver Cocco e Cava (2018, p. 87-99 e 104-122).

<sup>12</sup> Ver também Roque (2017, p. 28-33).

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, Feltran (2014).

<sup>10</sup> Para uma leitura completa, ver Cocco e Cava (2018, p. 75-86).

to de autoestima e reconhecimento, o projeto carregava tonalidades de uma teleologia socialista ou mesmo socialdemocrata incompatíveis com as próprias subjetividades que ajudava a formar. A própria indecisão do discurso oficial em torno à classe média mostra isso.

Um episódio anedótico ilustra como o projeto, de certo modo, acabava atirando no próprio pé. Depois de uma fala da filósofa Marilena Chauí em que qualifica a classe média como uma “abominação política, porque é fascista, uma abominação ética porque é violenta, e uma abominação cognitiva porque é ignorante. Fim” (Chauí, 2013), Lula, no mesmo evento, responde brincando algo como: “e eu que me esforcei tanto para elevar x milhões para a classe média...”. O misto de estupefação com a retórica feroz da filósofa com uma pitada irônica típica do humor de Lula mostra bem o quanto seu caráter *negociador* foi fundamental para o sucesso do primeiro momento do governo.<sup>14</sup> Da mesma forma, quando o discurso se endureceu, tornando-se mais técnico e menos plástico, rapidamente um fosso foi se cavando e, com isso, a impressão de que “classe média não vota no PT” foi se disseminando entre os próprios emergentes. Ou seja, eles mesmos trataram de retirar a ambiguidade do termo “classe média”, que na anedota desliza entre dois referentes distintos, a “tradicional” e a “nova classe média”. Veja-se os seguintes depoimentos de uma entrevistada extraídos da pesquisa de Solano (2018, p. 18-26):

Entrevistada M: Meu filho tem Fies, mas ele merece. O governo não está dando de graça. Ele é que está ralhando para estudar. Vou votar no PT por isso? Não sou pobre nem nordestina para votar no PT. Eu votei no Dória. Gostei dele. Essa coisa de ser trabalhador, de vencer na vida. É isso o que a gente quer. Não esmola do governo. Queremos que nos deixem trabalhar.

<sup>14</sup> Destaco que a resposta de Lula foi “irônica”, portanto, carregada de humor, e que havia, portanto, uma certa concordância em relação ao que disse Chauí. Marilena Chauí apontava para a “classe média tradicional”, enquanto Lula, para a “nova”. Eram referentes diversos. O fato da sinonímia do significante classe média estar presente, no entanto, denuncia o caráter aporético da situação, cuja ambiguidade na linguagem reverbera na ambiguidade na realidade social.

Entrevistada M: Eu não sou mais pobre. Eu subi na vida.

Pesquisadora: E como foi isso? Acha que os programas do governo Lula ou a geração de emprego durante seu governo tiveram algo a ver?

Entrevistada M: (visivelmente incomodada com a pergunta): Não! Teve nada. Teve a ver meu trabalho e o de meu marido, o esforço da gente.

Pesquisadora: A senhora pensa, então, que melhorou de vida por mérito seu e de seu marido?

Entrevistada M: Mas é claro! Por isso não voto mais Lula que só fala em pobre, em pobre, e parece que a gente tem de agradecer alguma coisa. Não. Votei no Dória. Agora não gosto tanto, mas antes gostava. Ele entendia essa coisa da gente vir de baixo e trabalhar e ser alguma coisa na vida.

### A linha de fuga da sociologia crítica

Na segunda via, poderíamos ir às conclusões do trabalho de Jessé Souza e perceber que, mesmo com as ambiguidades discursivas entre os entrevistados, o sociólogo prefere destacar como existe certo núcleo disposicional de solidariedade entre os batalhadores que poderia fazer dessa classe a nova protagonista da política brasileira. Sem definir um programa específico de adesão, Jessé Souza parece mais preocupado em desfazer a aderência liberal que muitas vezes aparece – sob a forma do empreendedorismo e suas críticas ao Brasil (direitos trabalhistas, Bolsa Família etc.) – e destaca a potência que essa aliança provocaria diante da eficácia que os programas sociais lulistas demonstraram.

Para tanto, Jessé Souza (2012) utiliza duas estratégias. Apostando na *mediação* contra uma leitura direta da fala do oprimido, em primeiro lugar, procura sempre contrastar declarações conservadoras ou liberais dos entrevistados com atitudes disposicionais que ultrapassariam um *ethos* individualista ou desejo de hierarquia (Souza, 2012). Nesse sentido, é preciso registrar certas ausências estratégicas entre os entrevistados, por exemplo, de policiais militares, seguranças particulares, caminhoneiros ou taxistas – hoje, motoristas *ube*

*rizados* –, segmentos profissionais conhecidos na sociedade por representarem posições reacionárias ou protofascistas em relação à pobreza e violência. A lacuna acaba fortalecendo uma visão mais próxima da solidariedade social entre os batalhadores em contraste com todo conjunto ideológico colhido na pesquisa que envolve alta religiosidade, adesão a valores conservadores, leitura meritocrática do sucesso individual e postura liberal em relação ao governo, aos direitos sociais e aos programas de inclusão como Bolsa Família. Vale contrastar com a leitura de Solano (2018, p. 17-18):

*O self-made man é o modelo de sucesso. A retórica do tax-payer: eu pago meus impostos e com isso sustento os vagabundos que não fazem nada. A gente trabalha, para sustentar esses preguiçosos e esses bandidos de Brasília. A gente sustenta todo o mundo (Entrevistado A). Os cidadãos, economicamente mais desfavorecidos e que são beneficiários de políticas sociais existentes seriam parasitas do Estado, não se esforçam o suficiente no trabalho e, por sua vez, o Estado faz uso destas políticas públicas para controlar eleitoralmente estes grupos.*

*“O ideal é que não exista o Bolsa Família. Pode ser importante para algumas pessoas, mas a verdade é que é utilizado como moeda eleitoral, para fazer as pessoas votarem sempre no PT, comprarem o voto delas mesmo. Por que acha que tanta gente no Nordeste vota no PT?”. (Entrevistado C).*

*“O que tem de gente preguiçosa, que só quer mamar das tetas do governo. E a gente sustenta eles, né? Isso com Bolsonaro ia acabar. Quer comer? Trabalhe. Mas, não. É mais fácil dar uma de coitadinho. Sou pobre, sou pobre. E aí pedindo bolsa, pedindo ajuda para tudo. E a gente se matando de trabalhar. É injusto”. (Entrevistado A).*

A partir de Boltanski e Chiapello, Jessé Souza (2012) desenvolve uma leitura específica do novo mundo flexibilizado e precarizado do trabalho, estendendo o âmbito da exploração para pensar de modo impessoal esse vínculo nos tempos do neoliberalismo, uma vez que boa parte dos batalhadores seriam empresários ou chefes de si mesmos. Ou seja, estaríamos diante de uma classe social com autoimagem de independência que, a rigor, seria explorada pelas forças impessoais do mercado capazes

de ocultar o fato por meio de desregulação do trabalho e flexibilização dos parâmetros fordistas. Souza exemplifica como personagens típicos dessa classe empresários/trabalhadores de vigilância privada, feirantes e donos de pequenos negócios (Souza, 2012).

No entanto, com isso, reedita a perspectiva da alienação como *falsa consciência*, entendendo que a autoimagem dos batalhadores não consegue perceber a totalidade da moldura do mundo, fazendo um recorte seletivo que os impediria de comparar, por exemplo, que a condição de empregado, mesmo com vínculo de subordinação, tem tempo demarcado de trabalho e direitos como férias e décimo-terceiro salário, enquanto o autônomo “dono” de uma empresa de vigilância privada teria que fazer longas jornadas sem férias, adicional noturno e com remuneração equivalente. Assim como na teoria marxista da alienação há uma separação entre o sujeito e seu produto de trabalho, fazendo com que ele não se reconheça como autor diante da divisão social do trabalho e aceite receber o salário como contrapartida (exploração), haveria a mesma separação aqui, sendo o batalhador incapaz de traçar a continuidade entre seu trabalho e o mundo financeiro que controla o capitalismo e exige a desregulação dos direitos conquistados pelos trabalhadores ao longo dos dois séculos anteriores com o “canto da sereia” do empresário de si (Souza, 2012).

Os problemas das teorias da falsa consciência são muitos. A filosofia social do século XX pós-Segunda Guerra Mundial, em especial pós-Holocausto, é uma constante rejeição dessa perspectiva. Intelectuais como Adorno, Marcuse, Reich, Foucault e Deleuze não cansaram de destacar que o problema da obediência era mais complexo que a simples ignorância. Com a convergência entre psicanálise e teoria social, o erro epistêmico encontra-se com o desejo, que por sua vez não funciona sob a égide da não-contradição. Bloquear a via desejante apenas sob o signo da falta, assim, é encobrir grande parte do problema. Com maior razão

isso se impõe quando se observa a forma unilateral e conglobante com que Jessé Souza trata as análises de mídia e a relação passiva dos receptores, como se a retumbante tempestade de informação das sociedades digitalizadas não colocasse em xeque a perspectiva de que esses sujeitos estão simplesmente “sendo enganados”. A perda da base social do petismo, com isso, torna-se efeito da campanha difamatória da Rede Globo, das elites financeiras e das manobras de tecnocratas da burocracia jurídica, novamente como se esses sujeitos fossem caixas vazias esperando um conteúdo a ser preenchido pelas fontes autorizadas de emissão.<sup>15</sup>

Finalmente, não é desprezível o nível de influência que a retórica liberal – por meio dos seus *think tanks* como Movimento Brasil Livre, Instituto Mises Brasil, Fórum da Liberdade, Vem pra Rua, Livres, entre outros – adquiriram na periferia e em especial quanto aos batalhadores (Rocha, 2017). Tatiana Roque já expressava isso por outra via. Na medida em que o socialismo aparecia relacionado com a inflação do Estado, afirmava: “ninguém que ouvir falar de mais Estado. Para as pessoas da favela, por exemplo, Estado quer dizer polícia. Só isso. Nunca o Estado ofereceu nada mais a essas pessoas. Por que iriam acreditar agora?” (Roque, 2017b). Certamente Jessé Souza responderia a isso reafirmando a falsa consciência produzido pela retórica da “inteligência brasileira” que colocava o jeitinho e a corrupção como ponto central, disseminada e amplificada pela mídia e que gera como efeito principal a “divinização do mercado e demonização do Estado”. No entanto, caberia perguntar se a base seguida pelos batalhadores não é materialmente mais sólida que o projeto socialista ou socialdemocrata proposto pela esquerda, uma vez que há dois elementos *pragmáticos* aqui a ser considerados: primeiro, a frustração com o fracasso significativo do lulismo com a crise econômica e o desaparecimento de perspectivas (Rocha, 2018a); segundo, as experiências

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Cesarino (2019) para a estratégia digital do bolsonarismo.

materialmente bem-sucedidas do empreendedorismo, em geral demonizado pela esquerda, entre as próprias classes populares (Meirelles e ;Athaíde, 2014). Em outros termos, em termos pragmáticos, não estariam seguindo simplesmente os resultados materiais do processo experimental deflagrado nos últimos dez anos em vez de confiar em alguma ideologia mais abstrata ou um compromisso incerto diante de uma perspectiva rarefeita de futuro?

Some-se a isso o prestígio no mesmo grupo da retórica conservadora, já há muito disseminada na maioria das vertentes de neopentecostalismo e agora combinada ao sucesso do pensamento de Olavo de Carvalho e seus discípulos youtubers, mesclando elementos de fundamentalismo religioso, obscurantismo anticientífico e conservadorismo dos costumes contra a hegemonia do chamado “marxismo cultural”.<sup>16</sup> Finalmente, a adesão ao discurso protofascista em matéria de violência, impregnado de retórica policialesca alimentada por programas populares de televisão e agora pelas redes sociais com o ódio aos direitos humanos e a diferenciação entre o trabalhador e o vagabundo/bandido dificilmente poderia ser simplesmente tomada como “falsa consciência” (Feltran, 2014; Pinto Neto, 2020; Pinto Neto; Cipriani, 2021). Como o próprio trabalho de Jessé Souza demonstra, todos os elementos micropolíticos que compõem a confluência bolsonarista são absolutamente compatíveis materialmente com o *habitus* dos batalhadores.

### A linha de fuga nômade

Finalmente, uma terceira via mais complexa vem do pensamento nômade, que rejeita a própria definição tradicional de classe para esse segmento e considera sua ascensão não como um fenômeno grupal, mas como uma recomposição geral de classe em um novo capitalismo no qual o emprego formal deixa de

<sup>16</sup> Ver, sobre o tema, Messenberg (2019); Almeida (2019).

ocupar o lugar que estava no fordismo. Trata-se, por isso, de uma teoria *afirmativa* da precariedade, no sentido de que a ausência de uma retaguarda tradicional da classe trabalhadora, combinando direitos trabalhistas e organização sindical, não é tomada como um déficit ou uma tarefa a construir. Em vez disso, afirma-se o *disforme* em seu enigma (Cocco; Cava, 2018). Na realidade, é a própria leitura do que é precariedade que estaria sob equívoco. Na era do capitalismo cognitivo, a relação entre produtores já teria superado a forma-emprego e sua subordinação disciplinar, atuando de modo descentrado e autônomo. O que ocorreria seria a vampirização desse “comunismo de fato” pelas corporações capitalistas, que sugam e exploram o trabalho imaterial e a própria vida – cujas divisões de tempo e espaço fordistas já não funcionam mais – na sua dimensão produtiva. A questão é, portanto, libertar o trabalho vivo da sua captura capitalista, entendendo que a produção é, em primeiro lugar, efeito de resistência e não repressão. Apostando em um Brasil mestiço e multitudinário, Giuseppe Cocco (2009) enfatizava os Pontos de Cultura, os cursinhos universitários populares, entre outras iniciativas, como exemplos da potência desse novo universo.

Essa é a perspectiva politicamente mais poderosa porque envolve a construção de uma alternativa por dentro (Cocco) e “de baixo para cima” (Roque), sem precisar fazer uso da noção de falsa consciência e aproveitando as próprias potencialidades imanentes ao capitalismo. No entanto, a afirmação da precariedade nômade parece ter sido cindida pelos batalhadores: risco empreendedor e reterritorialização conservadora passaram a ser os principais vetores da subjetivação. Aquilo que o pensamento nômade busca ultrapassar, o dualismo entre cultura e economia, os batalhadores trataram de restaurar sob a forma do “liberal conservador”. Em vez de um devir-pobre (Cocco, 2017),

formou-se uma espécie de par estrutural antagonista à subjetivação esquerdista, funcionando por oposição relacional:

**Quadro 1 – Economia e Política/Cultura comparadas**

	Esquerda	Bolsonarismo
Economia	Conservadorismo/ Segurança (-)	Progressismo/Risco (+)
Política/ Cultura	Progressismo/Risco (+)	Conservadorismo/ Segurança (-)

Fonte: Autor

Assim, na relação perspectivista entre o bolsonarismo popular e a esquerda, forma-se espécie de feedback invertido:

**Quadro 2 – Perspectivas reversas de economia e política/cultura**

	Esquerda vista por si	Bolsonarismo visto por si	Esquerda vista pelo bolsonarismo	Bolsonarismo visto pela esquerda
Economia	Solidária (+)	Meritocrático (+)	Estatista/ Paternalista (-)	Neoliberal (-)
Política/ Cultura	Progressista (+)	Conservador (+)	Permissiva/ Hipócrita (-)	Fascista (-)

Fonte: Autor

O pensamento deleuziano abre portas para a superação do hilemorfismo a partir do modelo da individuação, compreendendo a forma de modo não separado do conteúdo. No entanto, os emergentes cindiram forma/matéria novamente embarcando em uma aventura “desterritorializada” do liberalismo selvagem,<sup>17</sup> mas rapidamente a reterritorializando com o conservadorismo cultural – inclusive atacando uma das suas formas nômades principais, o *queer*, como dos principais alvos. Não por acaso as duas grandes mobilizações que prepararam o clima da eleição foram o protesto contra o *Queermuseu*, que confrontou a lógica do conservadorismo popular contra a elite cultural artística, e a greve dos caminhoneiros, que mobilizou o precariado e elegeu a simbologia da intervenção militar como bandeira na maioria dos pontos de protesto (Kalil, 2018b; Pinto Neto, 2020).

Em parte, isso pode se dever a uma rees-

<sup>17</sup> Que bem poderia ser comparado ao “lulismo selvagem” de que falam Cocco e Cava (2018, p. 75-86). A hipótese implica uma transformação do cenário descrito em Ortelado, Solano e Moretto (2017).

truturação defensiva em relação à invasão da indeterminação. O antiessencialismo radical da filosofia *queer*, exemplificado em brilhantes filósofas como Judith Butler e Paul Beatriz Preciado, envolve um elogio da metamorfose e contestação da identidade. No entanto, a desterritorialização acaba incidindo de forma violenta sobre a vida já desestruturada, ou quiçá estruturada precariamente, dos batalhadores. As alianças conjugais, religiosas e econômicas acabam desabando nas formas patológicas que Jessé Souza retrata como ralé (Souza, 2012). Gabriel Tupinambá (2018) destaca esse *mecanismo de defesa* que atua materialmente de forma bem mais complexa que as acusações liberais de “discurso de ódio” e a da esquerda radical de “fascismo” colocam.

Ademais, caberia perguntar se o modo radicalmente não-essencialista com que o pensamento nômade analisa a potência não poderia nos levar à conclusão de que, de certo modo, a afirmação individualista e capitalista da vida entre os batalhadores não é também uma forma de resistir, ou mesmo – e mais provocativamente – se o desejo de hierarquia não é também um desejo afirmativo. Gabriel Tupinambá (2018) escreve:

Mas existe ainda uma outra *lógica de segregação do estranho*, na qual o ódio é dirigido não àquele que se distingue socialmente de mim, mas àquele que é indistinto de mim em excesso, que me obriga a me reconhecer num lugar social ao qual já pertencço, mas contra o qual eu luto para sair fora. (...) O *ódio* apareceria aqui, de acordo com essa hipótese, como uma estratégia defensiva de *distinção social* – o repúdio e a agressividade não visam a estabelecer nenhum vínculo nostálgico e comunitário, nenhuma identidade nacional, entre os odiosos, nem mesmo construir uma figura específica do outro a ser segregado. Trata-se de uma resposta à emergência angustiante do fato de que estamos todos sendo tragados pela *periferização da vida*, e o nosso horizonte de sentido, em que *democracia* e *consumo* se retroalimentam, não é nada garantido.

O complemento a essa lógica do inimigo que se faz inimigo não por ser estranho, mas demasiado familiar, pode ser encontrado no

que Maria Rita Kehl chama de *bovarismo*,<sup>18</sup> entendido como o “desejo de ser outro”. Para delinear o conceito, a psicanalista parte da sua gênese como “traço delirante” da personalidade paranoica, inicialmente cunhado pelo filósofo e psicólogo Jules de Gautier e, 1892 e adotado por Georges Genil-Perrin e outros psiquiatras “para caracterizar a paranoia”. A definição de Gautier era simples: o poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que se é. Mas o conceito era, ao mesmo tempo, inconsistente diante do referencial psicanalítico, que parte da ideia de que o Eu já é desde sempre dividido, rompendo a unidade imaginada nos primórdios da Modernidade. Retomada então por Lacan, a relação bovarista, tipicamente moderna, atua não como proclamação de um eu verdadeiro (idêntico a si) contra um eu falso (diferente de si), mas como efeito de uma “contradição insolúvel entre a justeza das pretensões *modernas* de Aimée [personagem de um dos seminários de Lacan] e a insuficiência de seu isolamento social e sua condição de mulher pobre” (Kehl, 2018, p. 21-23). Assim, segue ela, “a linguagem, bem melhor que o *acting out*, é o instrumento de que dispomos para mostrar ao Outro o que podemos vir-a-ser”, esperando, sem saber, que o Outro nos devolva o sentido do nosso próprio discurso. Mas esse seria, conclui Kehl, o aspecto “mais dramático do desamparo de ser falante: o modo como o Outro responde ao enigma do destino, a ele dirigido, pode fazer diferença entre o gênio e o paranoico, [...] entre um *self-made man* bem sucedido e o patético bovarista (Kehl, 2018, p. 26). O bovarismo torna-se, assim, “umas das figuras mais expressivas da impossibilidade de se realizar plenamente a forma do *indivíduo*, característica da subjetividade moderna” (Kehl, 2018, p. 30).

Seguindo o argumento de Kehl (2018), pode-se afirmar que o bovarismo está muito ligado no Brasil à pretensão de modernização

<sup>18</sup> Não parece ser coincidência que, apesar de grande parte dos ensaios do livro terem sido escritos há muitos anos, Kehl tenha decidido reuni-los e editá-los em 2018.

e suas expectativas confusas diante da forma real da nossa sociedade. Kehl (2018, p. 30-31) explica que a forma típica do bovarismo é o “não se tomar por brasileiro”, mostrando uma relação antiga, mas que atinge um inédito deslumbramento recente com os Estados Unidos que forma indivíduos de patriotismo-em-oximoro: ser patriota é, exatamente, cultivar os Estados Unidos e rechaçar o Brasil como inferior e medíocre. Se o inimigo é familiar demais, como já dissemos, para criar a *distinção* é necessário que o indivíduo mesmo seja outro em relação a si próprio. Impregnado pela lógica do arrivismo que “Quincas Borba”, de Machado de Assis, soube retratar com perfeição, o bovarismo brasileiro seria um fenômeno de projeção no qual o indivíduo quer se tornar outro, mas esse outro por definição é inatingível – dado que as condições de possibilidade para tanto envolveriam questionar a estrutura mesmo que formou o outro (exemplo: desejo do colonizado ser o colonizador) – e por isso se baseia no autoengano (Kehl, 2018). Essa estrutura – a projeção do eu *como se fosse um outro* na mesma medida que é *esse fato mesmo* que me impede de o alcançar – parece ter tomado a linha de frente na formação do bolsonarismo popular, como mostram os trechos citados das entrevistas promovidas por Solano (2018) e Solano e Rocha (2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: o dilema atual

Há, portanto, uma contradição objetiva entre o *habitus* de classe dos batalhadores e a luta anticapitalista da esquerda. A desconstrução da ética do trabalho duro significa, em geral, a perda do único alicerce que permite a prospecção do tempo por parte das classes populares. Ou seja, o conservadorismo enraizado não é um fundo ideológico sólido, mas um reflexo da conjunção material entre o modo de vida e o funcionamento do sistema

social e econômico. Não há nenhuma “essência” conservadora ou liberal em jogo: trata-se de formas de articular corpos em regimes de cognição e afetos, *modos de existência* que se configuram a partir de múltiplas redes que se conectam a redes maiores e transversais (Pinto Neto, 2021).

No entanto, observando as tensões entre as teorias nômades e a sociologia crítica, pode-se tentar esboçar um fundo comum de problematização. Para Jessé Souza (2012, p. 52), o grande trunfo correspondente ao capital cultural é a disposição para planejar o futuro, permitindo um senso de antecipação e investimento que ultrapassa a subsistência, ou, segundo suas próprias palavras:

A ‘ralé’ é refém do ‘presente eterno’, do incerto pão de cada dia, e dos problemas que não podem ser adiados. As classes privilegiadas pelo acesso à capital econômico e cultural em proporções significativas ‘dominam o tempo’, porque estão além do agulhão e da prisão da necessidade imediata. O futuro é privilégio dessas classes, e não um recurso universal.

De certo modo, isso converge com a perspectiva de que é necessário retomar uma imagem de futuro que permita engajar os sujeitos de modo a ultrapassar a competição (mesmo que sob a forma idealizada da meritocracia). A contradição objetiva entre a necessidade de ter dinheiro para subsistir e ao mesmo tempo estar lutando contra o capitalismo, tida como insuportável para os inimigos dos “socialistas de iPhone”, somente pode ser superada quando a prospecção for coletiva, isto é, os laços de solidariedade ocuparem o lugar do *self-made man* e permitirem que a contradição seja projetada em dois tempos diferentes, quando o presente é ultrapassado por um futuro de esperança. O encaixe disso, no entanto, não pode ser apenas discursivo ou personalista, como fez o lulismo com sua exigência de compromisso e gratidão ao partido (Bächtold, 2014), ou mesmo tomando Lula como figura “profética” (Souza, 2012, p. 253). Somente a experimentação material

construindo diferentes plataformas e modos de organização e cooperação, permitirá esse lançar-se em direção ao novo no qual o solo não está simplesmente sem chão, como muitas vezes a interpretação messiânica acaba propondo. Os batalhadores não saltarão no escuro.

Nesse sentido, caberia perguntar, como faz Gabriel Tupinambá, se essa experimentação não passa pela quebra do monopólio da alienação – ou seja, da experiência do estranhamento – que dispõe hoje o capitalismo. Ao contrário da tentativa de restaurar uma consciência plena que, segundo Tupinambá (2017), seria um resíduo humanista ainda presente em Marx, são exatamente experiências de estranhamento que estariam ausentes atualmente. Na medida em que a condição “desempregável” – citada de Jameson e que poderia ser aproximada da precariedade – se generaliza e com isso acaba com as formas de resistência interna que o próprio capitalismo engendrava (sindicatos, universidades etc.), faltaria a possibilidade de desenvolver *infraestruturas materiais* capazes de produzir novas subjetivações fora dos espaços forjados no próprio campo capitalista (Pinto Neto, 2021; Tupinambá, 2017). Pode-se especular, com isso, que talvez somente mediante algum tipo de serviço, alguma prática, pode o discurso anticapitalista se conectar com a vida material dos batalhadores.

Por outro lado, a defesa entre os nômades da Renda Básica Universal (RBU) como aliçaço de um novo pacto social pode ser o passo inicial para um retraçado das linhas de fuga que foram engolidas pelo conformismo liberal e conservador. Com a renda mínima figurando como alavanca material, o campo de prospecção de futuro pode apontar para variáveis outras que não a potência de uma afirmação individualista – e às vezes até fascista – da vida. É claro que sempre poderá haver resistência, dado o papel estruturante da ética do trabalho, e também os efeitos da renda mínima são incalculáveis para bem e para mal (mínimos ou máximos). No entanto, trata-se de uma infraestrutura material que libera as forças produ-

tivas, nos termos que haviam sido explorados nas linhas minoritárias do lulismo, e como a proposta de *Green New Deal* alavancada pela deputada Alejandra Ocasio-Cortez tem mostrado nos EUA, é bem possível um efeito viral que não apenas libere energia e afetos, mas inclusive uma reorganização subjetiva e política.

Por fim, caberia reafirmar o papel que a educação desempenha enquanto produtora de linhas de subjetivação que, apenas com infraestrutura, podem vergar para qualquer lado. Obviamente, isso não significa nenhuma espécie de doutrinação, mas um trabalho coletivo de produção de novos sujeitos na própria imanência da situação. Esse aspecto estético/lúdico, que mistura a festa e a política,<sup>19</sup> não pode ser subdimensionado, na medida em que o século XX demonstrou como mesmo os “homens normais” são capazes de aderir aos piores discursos e, por outro lado, a potência que esses componentes carregam na direção de transformação micropolítica.

Apenas reforçar o culturalismo atual, com toda aposta no campo discursivo e na pedagogia moral, não será suficiente para produzir uma linha capaz de mover o campo de forças de sustentação do populismo autoritário entre os pobres. Na invenção de outra economia libidinal que oriente os corpos que sofrem os efeitos do capitalismo nem o aspecto puramente monetário e nem unicamente a dimensão educacional dão conta do problema uma sem a outra. É somente com um novo pacto geral que envolva também a dimensão material – psicossomática e econômica – que se poderá efetivamente produzir aquilo que é desejado pelos novos movimentos sociais: desconstruir as formas de sociabilidade violenta e permitir novos arranjos políticos e econômicos baseados na solidariedade e na justiça.

Recebido para publicação em 1º de outubro de 2021  
Aceito para publicação em 3 de outubro de 2024

<sup>19</sup> Sobre o tema, ver por exemplo Moraes (2018).

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Alberto Carlos. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangélicos e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Org. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- BÄCHTOLD, Felipe. Governo viu ‘ingratidão’ nas manifestações de junho, diz ministro de Dilma. *Folha de S. Paulo*, Porto Alegre, 21 jan. 2014. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1402311-governo-viu-ingratidao-nas-manifestacoes-de-junho-diz-ministro-de-dilma.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- BARTELT, Dawid Danilo (org.) *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*. Dawid Danilo Bartelt (org.). – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BOMENY, Helena. Do frango ao avião ou o que é possível dizer sobre a nova classe média brasileira? Notas exploratórias. (**Syn**)thesis, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 17–32, 2022. DOI: 10.12957/synthesis.2021.65830. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/65830>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Tradução: Joana Angélica d’Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CAVA, Bruno. O 18 de Brumário brasileiro. In: CAVA, Bruno; PEREIRA, Marcio (org.). *A terra treme: leituras do Brasil de 2013 a 2016*. São Paulo: AnnaBlumme, 2016.
- CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista De Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/165232>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- CHAUÍ, Marilena 2013. Uma nova classe trabalhadora. In: *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil.
- COCCO, Giuseppe. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- COCCO, Giuseppe. Nova classe média ou nova composição de classe? *Lugar Comum* n. 40, p. 35-52, 2013.
- COCCO, Giuseppe. Depois da “nova classe média”: trabalho e capitalismo contemporâneo. In: BARTELT, Dawid; PAULA, Marilene de (org.). *É o fim da nova classe média?: trabalho, religião e consumo*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2017.
- COCCO, Giuseppe; CAVA, Bruno. *O enigma do disforme: neoliberalismo e biopoder no Brasil global*. Rio de Janeiro: Mauad, 2018.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, 2014.
- FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FEIXO, Adriano de. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- GROSSBERG, Lawrence. *We gotta get out of this place: popular conservatism and postmodern culture*. New York: Routledge, 1992.
- GROSSBERG, Lawrence. *Under the cover of chaos: Trump and the battle for American right*. London: Pluto Press, 2018.
- HALL, Stuart. *The hard road to renewal: thatcherism and the crisis of the left*. London: Verso, 1988.
- JUDIS, John B. *The populist explosion: how the great recession transformed American and European politics*. New York: Columbia University Press, 2016.
- KALIL, Isabela Oliveira (coord.). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro?* São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018a.
- KALIL, Isabela Oliveira. Notas sobre ‘os fins da democracia’: etnografar protestos, manifestações e enfrentamentos políticos. *Ponto Urbe*, São Paulo, v. 22, p. 1-6, 2018b. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/218357>. Acesso em: 25 nov. 2024b.
- KEHL, Maria Rita. *O bovarismo brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. São Paulo: Gente, 2014.
- MESSENERG, Debora. A cosmovisão da ‘nova’ direita brasileira. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FEIXO, Adriano de. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- MORAES, Alana. Contato e improvisação: o que pode querer dizer autonomia? *Cadernos IHU*, São Leopoldo, v. 16, n. 268, 2018.
- NÉRI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- NOBRE, Marcos. *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta, 2019.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lúcia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, v. 16, n. 278, 2018.
- PINTO NETO, Moysés. A conjuntura e a nova direita no Brasil: um cenário em desconstrução In: MAIA FILHO, Mamede Said; REIS, Isaac (org.). *Crise política, democracia e rupturas*. Campinas: Pontes, 2020. p. 13-32.
- PINTO NETO, Moysés; CIPRIANI, Marcelli. Populismo autoritário e bolsonarismo popular: caminhos comparados do punitivismo a partir de Stuart Hall. *Revista de Criminologia Contemporâneas*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 41-56, 2021.
- PINTO NETO, Moysés. Do populismo reacionário ao exterminismo: yuppies, neggers e trolls. *Crise e Crítica*, [Albania], v. 2, n. 2, p. 54-62, 2018.
- PINTO NETO, Moysés. Mundos em colisão: das Guerras Culturais às Zonas Críticas. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 358-385, 2021.
- POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

- ROCHA, Camila. 'Menos Marx mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018a.
- ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: GALLEGO, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018b. p. 15-20.
- ROCHA, Camila. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris, 2 out. 2017. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/71327>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ROCHA, Camila. Petismo e lulismo na periferia de São Paulo: uma abordagem qualitativa. *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 29-52, 2018c.
- ROCHA, Camila; SOLANO, Esther. Bolsonarismo em crise? *Friedrich Ebert Stiftung Brasil*, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16277.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.
- ROQUE, Tatiana. Projetos sem sujeitos e sujeitos sem projeto. In: BUENO, Winnie et al. (org.). *Tem saída?*: ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- ROQUE, Tatiana. O combate às desigualdades exige um novo pacto capaz de atualizar os princípios que deram origem ao Estado de bem-estar social. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, 2017b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/570811-o-combate-as-desigualdades-exige-um-novo-pacto-capaz-de-atualizar-os-principios-que-deram-origem-ao-estado-de-bem-estar-social-entrevista-especial-com-tatiana-roque>. Acesso em 12.12.2024.
- ROQUE, Tatiana. A revolta da zona cinza. In: #ELASIM. GAGNEBIN, J.; ROQUE, T.; RODRIGUES, C. -São Paulo: N-1, 2018. Disponível em: [https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel\\_elassim\\_issuu](https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel_elassim_issuu). Acesso em 12.12.2024.
- SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SINGER, André. Cutucando Onças com Varas Curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos*, São Paulo, n. 102, p. 43-71, jul. 2015.
- SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. *Friedrich Ebert Stiftung Brasil*, São Paulo, análise 42, maio 2018. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.
- SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava-Jato e contra a reforma da previdência. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.
- SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolivar. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.
- SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.
- TATAGIBA, Luciana. Os protestos e a crise brasileira: um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. (org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2018.
- TIBLE, Jean. Lulismo e o fazer-se de uma nova classe. *Lugar Comum*, n. 40, maio/dez. 2013.
- TUPINAMBÁ, Gabriel. The unemployable and the generic: rethinking the commons in the communist hypothesis. *Pulgrave Communications*, [United Kingdom], n. 3, aug. 2017.
- TUPINAMBÁ, Gabriel. Não foi preciso esperar 500 anos para concluir que há um grau altíssimo de arbitrariedade entre representantes e representados. Entrevista especial com Gabriel Tupinambá. [Entrevista cedida a] Vitor Necchi. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 1 nov. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/584301-nao-foi-preciso-esperar-500-anos-para-concluir-que-ha-um-grau-altissimo-de-arbitrariedade-entre-representantes-e-representados-entrevista-especial-com-gabriel-tupinamba>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- UNIVERSIDADE NÔMADE. Quando a trama da terra treme. In: CAVA, Bruno; PEREIRA, Marcio. *A terra treme: leituras do Brasil de 2013 a 2016*. São Paulo: AnnaBlumme, 2016.
- VISSER, Ricardo. A socialização disciplinar da família batalhadora. *Direito e Práxis*, v. 7, n. 13, 2016.

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:**

Moysés Pinto Neto – Conceitualização. Curadoria de dados. Análise formal. Aquisição de financiamento. Investigação. Metodologia. Administração do projeto. Recursos. Software/programas de computador. Supervisão. Validação. Visualização. Escrita - esboço original. Escrita - revisão e edição.

**Moysés Pinto Neto** – Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio-sanduiche no Centre for Research in Modern European Philosophy (Kingston – Inglaterra). Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Integra o Núcleo Ao contrário: Literatura e seu Averso desenvolvendo pesquisas na área de de política especulativa, investigando conexões e entre imaginários futuristas, virada ontológica e impacto na educação a partir do Antropoceno e capitalismo de plataforma. Suas mais recentes publicações são: Recentemente, publicou os artigos “*Teoria dos Quatro Cosmogramas*”, nos Cadernos do Instituto Humanitas Unisinos; “*Mundos em colisão*”, publicado na Revista Eco-Pós, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e “*Política na Era da Visibilidade Total*”, na revista GALÁXIA, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

**FROM THE “BRIGHT SIDE OF THE POOR” TO  
POPULAR “BOLSONARISMO”: a conjunctural  
analysis of the impact by Lulismo and  
Bolsonarismo on the popular classes**

*Moysés Pinto Neto*

Paper seeks to understand the “bolsonarismo” viral process around the periphery, contrasting – inspired by Hall and Grossberg – to conjunctural analyzes whose explanation is only at the macropolitical or macroeconomical level, and always from the top down (from the elites/media to the popular). For this regard, it recovers literature on “new middle class” or “new working class” over the past decade and seeks to compare, in a meta-analysis of recent research by the social sciences, the “before” (lulismo) and “later” (bolsonarismo). Going through the concepts and proposing a balance of progressivism, critical sociology and nomadic thinking, flows into the notion that the multiple trends were actualized in a *bovarista* way on popular classes by popular bolsonarismo.

KEYWORDS: Bolsonarismo. Periphery. Bovarismo. Lulismo. Conjuncture.

**DU “CÔTÉ LUMINEUX DES PAUVRES” AU  
BOLSONARISME POPULAIRE: une analyse  
situationnelle de l’impact du lulisme et du  
bolsonarisme sur les classes populaires**

*Moysés Pinto Neto*

Le texte cherche à comprendre le processus viral du bolsonarisme dans le contexte des périphéries, en s’opposant – inspiré par Hall et Grossberg – à des analyses conjoncturelles dont l’explication se fait uniquement à un niveau macropolitique ou macroéconomique, et toujours de haut en bas (de les élites/médias pour le populaire). Pour ce faire, il récupère la littérature sur la “nouvelle classe moyenne” ou la “nouvelle classe ouvrière” au cours de la dernière décennie et cherche à comparer, dans une méta-analyse des recherches récentes apportées par les sciences sociales, “l’avant” (Lulisme) et le “plus tard” (bolsonarisme). Parcourant les concepts et proposant un équilibre entre progressisme, sociologie critique et pensée nomade, il aboutit à l’idée que les multiples tendances se sont actualisées de manière bovarienne dans les classes populaires basées sur le bolsonarisme populaire.

MOTS-CLÉS: Bolsonarisme. Périphérie. Bovarisme. Lulisme. Situation.